



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PRÁTICA DE PESQUISA**

**KÉFUS IBRAHIM SANTANA CARDOSO**

**“OS SINAIS DO FIM DO MUNDO EM VERSOS E RIMAS”: RELIGIOSIDADE  
POPULAR NOS FOLHETOS DE CORDÉIS DE JOÃO FIRMINO CABRAL (1957-  
1998)**

**SÃO CRISTÓVÃO  
2016**

**KÉFUS IBRAHIM SANTANA CARDOSO**

**“OS SINAIS DO FIM DO MUNDO EM VERSOS E RIMAS”: RELIGIOSIDADE  
POPULAR NOS FOLHETOS DE CORDÉIS DE JOÃO FIRMINO CABRAL (1957-  
1998)**

Artigo apresentado à disciplina Prática de Pesquisa  
como requisito parcial à conclusão do curso de  
Licenciatura em História pela Universidade Federal  
de Sergipe.

Professor orientador: Prof. Me. Luís Eduardo Pina  
Lima

**SÃO CRISTÓVÃO  
2016**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>04</b>
<b>2. ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL E SUA TRAJETÓRIA NO BRASIL.....</b>	<b>08</b>
<b>3. JOÃO FIRMINO CABRAL E O CORDEL SERGIPANO.....</b>	<b>11</b>
<b>4. A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE POPULAR NOS CORDÉIS DE JOÃO FIRMINO.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## **“OS SINAIS DO FIM DO MUNDO EM VERSOS E RIMAS”: RELIGIOSIDADE POPULAR NOS FOLHETOS DE CORDÉIS DE JOÃO FIRMINO CABRAL (1957-1998)**

*Kéfus Ibrahim Santana Cardoso<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como escopo, investigar a presença da religiosidade popular nos folhetos de cordel do poeta João Firmino Cabral, a partir da análise de um *corpus* composto por três folhetos: *A última carta do Padre Cícero Romão* (1957), *O aparecimento do padre Cícero a uma menina profetizando os sinais do fim do mundo* (1975?) e *A profecia de um jumento que falou no Nordeste* (1998). Para tanto, discute-se a trajetória da literatura de cordel no Brasil e em Sergipe e reconstitui-se a biografia do referido poeta, a partir de informações colhidas em entrevistas orais e em folhetos de cordel. Para tanto, procede-se a um estudo sobre a visão popular diante da cultura religiosa, carregada de profecias e credences, que predominam no cordel. Por fim, chega-se à conclusão que o cordel é uma poética tradicionalmente carregadas de valores populares e religiosos que traz à tona a voz popular que permaneceu, por muito tempo, afônica perante a historiografia brasileira e que merece, cada vez mais, reconhecimento e espaço no referido âmbito.

**PALAVRAS CHAVES:** Literatura de cordel; João Firmino Cabral; Religiosidade popular.

### **INTRODUÇÃO**

A ideia do presente trabalho foi fruto de minha grande aproximação com a literatura popular através dos repentes ouvidos por meu pai, e consequentemente por mim, desde minha meninice. Ouvir repentes, assistir programas de viola, conhecer cantadores, presenciar festivais e gostar de rimas foram ocupações que tomaram boa parte do tempo de minha infância. Aprendi a gostar daquilo e me aproximei cada vez mais, começando a ler folhetos de cordel e estudando o estilo a partir de minha juventude. O encantamento pela história e cultura popular do nordeste, proporcionado pela academia, reforçou ainda mais esse interesse, que se materializa hoje com este artigo.

“Folheto”, “romance”, “livrinho de feira”, “livro”, “obra”, “estória do meu padrinho”, “livro de Ataíde”, “arrecifes”, são as várias denominações que os folhetos de cordel recebem, variando de região para região, de acordo com a classificação popular. Já

---

<sup>1</sup> Acadêmico de História pela Universidade Federal de Sergipe, monitor da disciplina História do Brasil República (DHI-UFS), bolsista estagiário no Colégio Técnico Henrique Hennry.

entre os estudiosos, literatura de cordel, em geral, é o termo mais utilizado para designar a poesia popular e escrita (SOUSA, 1976).

O conceito dessa rica forma de literatura popular vem se aprimorando ao longo dos tempos para encontrar uma definição mais precisa e que se enquadre em seus moldes. Nesse sentido, entendo por literatura de cordel a poesia popular, narrada e impressa, com origens marcadas pela poética oral (CASCUDO, 1978; LOPES, 1983; SILVA, 2007).

Essa temática há muito vem ocupando espaços entre pesquisa e estudos. Márcia Abreu (1999), professora e pesquisadora, desenvolveu um relevante trabalho ao levantar uma pesquisa no qual fez uma análise das histórias narradas pelos folhetos em sua diversidade temática, num estudo comparado entre a literatura de cordel realizada em Portugal e os folhetos nordestinos. Nunes Alves (1978), sobre os cordéis e a história da Paraíba, menciona os trabalhos de Costa Leite e Manoel Camilo; Cavalcanti Proença (1986), Mark Curran (1972), Ruth Terra (1983), Maria Ignez Ayala (1988), Joseph M. Luyten (1983) e tantos outros que contribuíram para disseminação do conhecimento deste vasto campo de estudo (SILVA, 2007).

No Brasil, essa forma de literatura encontrou no Nordeste fatores sociais e culturais propícios para seu estabelecimento e disseminação:

[...] Fatores de formação cultural contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas das famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular (DIÉGUES JUNIOR *apud* MELO, 2016, p. 22).

Como se pode observar, a influência de manifestações popular-religiosas, foi um dos fatores contribuintes para o desenvolvimento da literatura de cordel no nordeste. Talvez seja por este motivo que temas associados à religiosidade popular tenham sido versados com bastante frequência pelos poetas em seus folhetos.

Religiosidade popular, termo bastante utilizado neste trabalho, define-se como o conjunto de crenças, práticas, rituais e símbolos religiosos que se contrapõem ao modelo formal e abstrato propagado pelas autoridades religiosas, pelo catolicismo eclesiástico. Características predominantes nos folhetos classificados como pertencentes ao ciclo

religioso<sup>2</sup>, no qual, segundo Brito (2009), “encontramos os referentes a Padre Cícero, diabo, profecias e religiosos propriamente ditos, além de romances e outras categorias”.

Acerca do tema, dois trabalhos são dignos de destaque: um de Raymond Cantel (1972), que analisa, através da literatura popular nordestina, as querelas entre protestantes e católicos; e outro de Gilmário Moreira Brito, com o livro “*Culturas e Linguagens em Folhetos Religiosos do Nordeste*”. Ambos estudando a presença da religiosidade nos folhetos de cordel.

Os folhetos dedicados à religiosidade popular perpassaram a produção poética de vários cordelistas,

Este é o caso do poeta que se denominou João de Cristo Rei e dedicou, quase toda sua obra, a versar sobre o Padre Cícero Romão Batista, de quem se considerava afilhado. Além dele, Manoel d’Almeida Filho, Antônio Caetano, Francisco Josino, entre muitos outros, foram poetas que, além de versarem sobre outras temáticas, também escreveram histórias e mensagens de santos, benditos, orações em formato de sextilhas, décimas, galopes a beira mar... etc. Editores como José João da Silva e José Bernardo da Silva – proprietário da tipografia São Francisco –, uma das mais importantes, também publicou folhetos, de várias autorias, sobre essa mesma temática (BRITO, 2009, p. 84).

O poeta sergipano João Firmino Cabral (1940-2013), também se inclui no rol de poetas que escreveram versos atrelados a essa temática. Como discípulo do grande Manoel d’Almeida Filho (1914-1995), Firmino herdou a poética marcada pelos valores religiosos e dedicou alguns de seus folhetos às crendices e profecias. Seu reconhecimento no universo do cordel é bastante evidente. As constantes homenagens recebidas em vida, somadas às póstumas, dão credibilidade a esta afirmativa. Em Sergipe, segundo o cordelista e repentista Edézio da Silva Marciel<sup>3</sup>, conhecido como Galego da Viola, “ninguém chegou nem perto de João Firmino Cabral escrevendo cordel”.

No conjunto de textos de cunho científicos contemporâneos que estudam o poeta, ou pelo menos sua(s) obra(s), pudemos encontrar apenas a monografia “O Fantástico e o Maravilhoso no cordel *O Monstro sem Alma* de João Firmino Cabral” de Elisângela Santos de

---

<sup>2</sup> A classificação dos folhetos por ciclos temáticos é uma estratégia desenvolvida pelos estudiosos do tema para facilitar o levantamento dos cordéis que interessam a cada pesquisa. Liêdo Maranhão de Souza (1976) em sua obra “*Classificação Popular da Literatura de Cordel*”, faz esta divisão de acordo com a opinião dos próprios poetas e agentes do comércio desta literatura. Estudiosos como Ariano Suassuna (1927-2014) também fizeram esta classificação, só que de forma mais erudita, distante da opinião popular.

<sup>3</sup> MARCIEL, Edézio da Silva. Entrevista concedida ao autor em 20 de agosto de 2016.

Sá (2004), apresentada ao curso de Especialização em Língua, Linguística e Literatura na Faculdade de Educação de Pato em 2004; e o artigo de Hernany Donato, intitulado “Literatura popular sergipana ‘*O exemplo da moça que dançou o lambadão no inferno*’”. Em ambos, os autores se preocupam em analisar uma obra específica do poeta – “*O Monstro sem Alma*” e “*O exemplo da moça que dançou o lambadão no inferno*”, respectivamente. No mais, não encontramos nenhum trabalho que tenha analisado um determinado tema no conjunto de suas obras, como dispus nesta pesquisa.

A partir do que foi exposto, apresento neste trabalho um estudo sobre a religiosidade popular presente nos folhetos de cordel do poeta João Firmino Cabral. Faço uma breve reconstituição da vida do poeta, um dos maiores nomes da literatura de cordel sergipana e brasileira, além de abordar a trajetória histórica da literatura de cordel no Brasil, até chegarmos à tradição sergipana, enfatizando os trabalhos em que Firmino dedicou à religiosidade popular nordestina.

A pesquisa contou com a análise de folhetos que versam sobre o assunto, além de ter recorrido às fontes bibliográficas, mediante a utilização de livros, dissertações, teses e artigos científicos; bem como de entrevistas, visitas a bibliotecas, cordelotecas, ponto de venda de folhetos e acesso a sites na internet que disponibilizaram informações e materiais para este estudo.

No primeiro momento, foquei no estudo da história da literatura de cordel no Brasil, discutindo sua origem, sua chegada ao Brasil, sua instalação no nordeste e sua posterior disseminação pelo restante do país, até chegarmos à tradição sergipana com os folhetos, enfatizando o trabalho do cordelista João Firmino Cabral.

Posteriormente fiz uma reconstituição da vida pessoal e pública do poeta João Firmino, destacando sua importância enquanto um dos maiores cordelistas de Sergipe e do Brasil. Para tanto, analisei os cordéis “*João Firmino Cabral: uma homenagem (in memoriam)*”, escrito por poetas da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, editado por João Batista Melo; e “*Homenagem ao poeta João Firmino Cabral*”, de Ronaldo Dórea; além de termos nos baseado nos depoimentos concedidos por familiares e amigos próximos de Cabral, como seu filho Joélcio, herdeiro da banca de cordel do pai; e os cordelista, repentistas e amigos do poeta: Edézio da Silva Marciel (Galego da Viola), Damião Ramos e Ronaldo Dórea. As entrevistas foram guiadas por um roteiro de perguntas que deram direção aos depoimentos. Foram utilizados também, dois vídeos que formam uma edição do programa

“Plural”, da TV Aperipê, no qual fazem uma homenagem ao poeta; e outro produzido por alunas da Universidade Tiradentes, que apresenta uma entrevista com João Firmino, ambos disponíveis no you tube nos endereços eletrônicos: <<https://www.youtube.com/watch?v=9gguY5zWjwE>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=wGeR763mA9w>>; <<https://www.youtube.com/watch?v=M5fUNdFM7fA>>; respectivamente.

Por fim, analisei alguns folhetos do poeta João Firmino que nos remetem ao campo da religiosidade popular nordestina, são eles: “*A última carta do Padre Cícero Romão*” (1957), “*O aparecimento do padre Cícero a uma menina profetizando os sinais do fim do mundo*” (1975?) e “*A profecia de um jumento que falou no nordeste*” (1998). Discuti a construção dos relatos sobre as questões propostas acima, dando destaque à percepção popular sobre os fatos. Refleti sobre as figuras do Padre Cícero Romão Batista, assim como demos ênfase na discussão referente às profecias sobre o “fim do mundo”, presentes nos folhetos analisados.

## ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL E SUA TRAJETÓRIA NO BRASIL

A origem da literatura de cordel remonta a muitos séculos. Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), em “*Vaqueiros e Cantadores*” (2005), fez referências dos poetas às figuras que compõem o universo antigo dos versos. Ao se interrogar sobre a essência da figura do cantador, responde-se logo em seguida:

É o descendente do Aedo da Grécia, do rapsodo ambulante dos Helenos, do Glee-man anglo-saxão, dos Moganis e metris árabes, do velálica da Índia, das runoias da Finlândia, dos bardos armoricanos, dos escaldos da Escandinávia, dos menestréis, trovadores, mestres-cantadores da Idade Média (CASCUDO, 2005, p. 128).

O historiador faz toda essa alusão para demonstrar quanto é antigo o mundo da poesia e o quanto devemos estender a visão em relação ao passado para poder entender a origem do cordel, que carrega elementos presentes, ao longo da história, em todos esses sujeitos citados por Cascudo.

Segundo Francisco de Assis Ângelo (1996), a expressão “literatura de cordel” surgiu no século XVII, em Portugal, por causa da maneira como eram vendidos os folhetos, pendurados em cordões – por isso “cordel” – trazendo versos de várias histórias, romances,



proezas, aventuras e viagens. De lá, foi introduzido no Brasil através da colonização lusitana, como afirma Cascudo:

O que existe no sertão, evidentemente, nos veio pela colonização portuguesa e foi modificada para melhor. Aqui tomou aspectos novos, desdobrou os gêneros poéticos, barbarizou-se, ficando mais áspero, agressivo e viril, mas o fio vinculador é lusitano, peninsular, europeu (CASCUDO, 2005, p. 192).

Segundo o folclorista, a adaptação da literatura popular no Brasil fez com que a mesma adquirisse características próprias que a modificaram para melhor, embora não a faça perder suas raízes nem negar a herança ibérica.

Chegada ao Brasil, a literatura de cordel se estabelece no nordeste e, no final do século XIX, se torna uma das peculiaridades da cultura regional. Vários fatores contribuíram para sua fixação nesta região, como a organização social, o surgimento de manifestações de cunho popular-religioso, o surto do banditismo social (cangaço), as constantes secas, lutas de famílias e tantas outras razões que contribuíram para o desenvolvimento de uma poesia instrumentada no pensamento coletivo e nas manifestações que perpassam a memória popular (LOPES, 1983).

Até o primeiro quartel do século passado, o nordeste foi a única região do país que deu abrigo ao cordel. Foi apenas a partir da década de 40 que os poetas populares começaram a expandir essa cultura através da migração para a região centro-sul.

Os poetas populares repentistas e autores de folhetos de cordel (cordão) nordestino começaram a chegar a São Paulo, capital, a partir dos anos 40, tangidos pela seca braba, impiedosa e assassina – comum na região. Por isso, e também pela necessidade natural e doida de expandir aos quatro ventos a sublime arte que praticam ao longo dos séculos (ÂNGELO, 1996, p. 33).

Para o pesquisador, a necessidade de o cordelista nordestino migrar para outras regiões fugindo das secas, do desemprego e da fome, e o desejo de expandir sua arte, foram os fatores primordial para disseminação da cultura do cordel pelo país.

Atualmente, o cordel já pode ser encontrado em todas as regiões do país. A fundação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) em 1988 no Rio de Janeiro, uniu os

principais centros de difusão dessa literatura no Brasil, além de consolidar um quadro acadêmico formado por quarenta cadeiras ocupadas por cordelistas consagrados e renomados.

Para Lopes (1983), a literatura de cordel apresenta-se como detentora de aspectos que a torna um dos fenômenos mais singulares e relevantes da cultura do povo nordestino. Embora já tenha se propagado pelas outras regiões do país, este fenômeno floresceu especificamente no Nordeste brasileiro, e por este motivo, sua poética é impregnada de sabores e vivacidade do homem desta região em todo seu alcance. Consequentemente, essa marca regional faz com que os estudos sobre a temática se debrucem também na análise e interpretação de sua linguagem, que conserva o arcaísmo introduzido pelos colonizadores, o modismo, e formas de expressão interessantes e excêntricas.

Outras características importantes atribuídas ao cordel destacadas por Lopes (1983) giram em torno do papel informativo dos folhetos, que já serviu – e ainda serve em alguns casos – como veículo de comunicação de massa, transportando as notícias; do papel alfabetizador, ao proporcionar as primeiras leituras à incontáveis nordestinos que não tiveram oportunidade de alfabetização em tempos difíceis da educação; do papel educativo, em campanhas de saúde e de conscientização sanitária; do papel político-partidário, utilizados em campanhas eleitorais; além de servir como estratégia de sobrevivência entre pessoas simples, exercendo função de renda complementar e até mesmo principal ou única.

Os fatos recolhidos, registrados e analisados pela literatura de cordel sobre a vida real, faz do folheto uma preciosa fonte histórica. Os acontecimentos mundiais, brasileiros e locais que são versados, são considerados como rica fonte subsidiária. Acerca deste debate, Lopes (1983) defende que:

[...] a literatura de cordel, se bem que limitada no tempo há menos de um século, guarda copioso manancial de informações históricas. Desde fatos de repercussão mundial, como as duas grandes guerras, personalidades ligadas àqueles conflitos, até eventos brasileiros, como revoluções, surtos de messianismo e religiosidade popular, banditismo, grandes secas e enchentes na região nordestina, crimes, acidentes, torneios esportivos, com detalhes sobre vultos que se destacaram nesses acontecimentos (1983, p. 40).

Portanto, a narração de qualquer fato através dos folhetos de cordel, dispõe de perfeita fidelidade de seus acontecimentos tal qual outras fontes históricas.

Em Sergipe, essa rica forma de literatura ganhou proporções a partir de duas grandes figuras. Primeiro com o paraibano Manoel d’Almeida Filho (1914-1995), que se consagrou cordelista na capital sergipana. O segundo, seu discípulo, João Firmino Cabral (1940-2013), sergipano da cidade de Itabaiana.

## **JOÃO FIRMINO CABRAL E O CORDEL SERGIPANO**

João Firmino Cabral foi um dos maiores cordelistas que Sergipe já conheceu. O poeta influenciou vários outros colegas de profissão, deixando um grande legado na literatura de cordel sergipana e brasileira.

Filho de Pedro Firmino Cabral e Cecília da Conceição, João Firmino nasceu no dia 1º de janeiro de 1940. Para sustentar a família, sua mãe se dedicava à vida roceira, enquanto seu pai, auxiliado pelo som do ganzá, cantava embolada nas feiras de vários estados do nordeste e talvez este tenha sido o primeiro motivo que veio influenciar a vida poética do cordelista, segundo Dantas<sup>4</sup>.

Ainda criança, João Firmino passou a ajudar sua mãe na lavoura, fato que não desviou seu apreço pelas letras. Esse interesse se intensificou durante a sua juventude e foi com os folhetos de cordel comprados, com a ajuda de sua irmã Angelita, nas feiras de sua cidade natal, através dos quais João aprendeu a ler e escrever sem nunca ter frequentado uma sala de aula. A partir de então, Firmino se interessou cada vez mais pela leitura e sempre manteve contato com obras clássicas de nossa literatura. Em entrevista a alunos do curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes, em maio de 2010, o poeta declarou ter lido, durante sua vida, grandes nomes da literatura brasileira, como Rui Barbosa, Capistrano de Abreu, Machado de Assis e José de Alencar. Nesse mesmo vídeo, continuou falando sobre leitura, e declamou os seguintes versos:

A leitura é um farol  
que clareia a consciência,  
ilumina a educação,  
desdobra a inteligência,  
abre os caminhos da vida  
para a porta da ciência

Porque quem não sabe ler

---

<sup>4</sup> DANTAS, Ronaldo Dórea. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

não acredita em civismo,  
não vive, apenas vegeta  
num mar de sectarismo,  
é um cego em plena luz  
marchando para o abismo (CABRAL, 2010).

Aos 11 anos de idade, em 1951, Cabral perdeu seu pai e em 1954 mudou-se para a cidade de São Cristóvão. Neste período, costumava visitar frequentemente a capital e foi numa dessas suas idas a Aracaju que teve o primeiro contato com o poeta Manoel d’Almeida Filho, que viria influenciar toda vida poética de João Firmino.

Vilma Mota Quintela (2016), após colher informações em depoimento do próprio Manoel d’Almeida Filho, gravado em vídeo em 1993, e em pesquisas realizadas nos acervos da Editora Luzeiro, do Museu do Folclore e da Fundação Casa Rui Barbosa, escreveu uma breve biografia do poeta para o *site* dessa instituição e nos afirma que o poeta foi um dos mais proeminentes nomes da literatura de cordel no Brasil.

Segundo a pesquisadora, Manoel d’Almeida foi um paraibano de Alagoa Grande, nascido no dia 13 de outubro de 1914. Viveu parte de sua infância na roça trabalhando com seus pais, que eram agricultores. Aos oito anos teve seu primeiro contato com a literatura de cordel. Com 22 anos, em 1936, residindo na capital paraibana e trabalhando como operário, publicou seu primeiro cordel: “*A moça que nasceu pintada, com unhas de ponta e sobranceiras raspadas*”. Deu continuidade a escrita de folhetos e logo depois se tornou autor-proprietário e mercador ambulante nas feiras de Pernambuco e da Paraíba. Posteriormente tornou-se poeta-editor pernambucano. Foi um fiel admirador do grande João Martins de Athayde, seu modelo de profissão.

No ano de 1940, d’Almeida fixou residência em Aracaju e já na década de 1950 tornou-se um dos mais respeitados autores de cordel. Foi até meados de 1990, um dos principais colaboradores da Editora Prelúdio de São Paulo/SP, atual Editora Luzeiro. Manteve-se em atividade até os últimos anos de sua vida. Aos oitenta de idade, ainda vendia folhetos na “Passarela das Flores” do Mercado Municipal Antônio Franco, na capital sergipana, além de se envolver com diversos trabalhos de revisão de originais. Faleceu no dia 8 de junho de 1995.

Sua produção se destaca, dentre outras características, pela sua variedade de temas. O poeta escreveu sobre a religiosidade popular, romances de amor e aventuras enredados com o nordeste, biografias, cangaço, histórias baseadas em produções diversas da cultura de massa,

contos de exemplo, de encantamento, faceciosos, abrangendo alguns de cunho erótico, nos quais foram publicados com o pseudônimo de “Adam Fialho”.

Como reconhecimento de sua contribuição para a literatura de cordel, Manoel d’Almeida Filho tornou-se patrono na cadeira de número 20, na Academia Brasileira de Literatura de Cordel e hoje tem boa parte de sua produção cordelística disponível na *internet*, para leitura e *download* nas cordelotecas dos *sites* da Fundação Casa de Rui Barbosa e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Influenciou uma geração de cordelistas, dentre eles, João Firmino Cabral.

A relação de amizade que João Firmino foi construindo com Manuel d’Almeida ao longo dos vários encontros, se intensificou cada vez mais. O convívio entre o jovem que gostava de ler cordel e o respeitável cordelista, fez com que o sentimento de pai e filho nascesse entre os dois. Tudo se consolidou quando Firmino foi convidado a morar com o poeta paraibano em Aracaju, a quem passou chamar de pai.

Aos 15 anos, em 1955, João Firmino começou a trabalhava no ramo do cordel. Ficou responsável pela venda dos folhetos que Manoel d’Almeida comerciava e se tornou um ótimo praticista, pois ganhou habilidade no negócio adquirindo boa relação com público. O jovem Firmino tinha um jeito fácil de vender os cordéis que tinha em mãos. Chama a atenção do comprador com sua voz entoante que declamava ou cantava os folhetos nas feiras das cidades de Sergipe, como afirma Santos<sup>5</sup>: “Ninguém teve [...] o direito, e acho que não tem, de dizer que cantou cordel mais bonito do que João Firmino. João Firmino tem uma voz linda, tinha um jeito de cantar, de vender, de mostrar aquele trabalho que eu nunca vi, incrível!”. E foi a partir desse trabalho que Cabral se sentiu interessado a adentrar cada vez mais no caminho da poesia. Aos 17, em 1957, escreveu seu primeiro folheto: “*As últimas palavras do Padre Cícero Romão*”, que foi elogiado pelo mestre Manoel d’Almeida (1914-1995) e por todos que leram, como nos conta em versos o poeta Ronaldo Dórea (201-[?], p. 02):

Fez seu primeiro cordel  
Teve grande aceitação  
Mostrou a veia poética  
E a rima com perfeição  
Falando d’um grande homem  
Padre Cícero Romão

---

<sup>5</sup> SANTOS, Damião Ramos dos. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

A partir de então, João Firmino deu continuidade à sua produção que só foi interrompida pelo cansaço da idade. Escreveu e vendeu cordel até os últimos anos de sua vida. Viajou todo o nordeste vendendo e cantando os folhetos e foi numa dessas suas virgens – desta vez no estado da Bahia – que conheceu Carmelita, com que se casou e teve sete filhos.

Depois de ter morado em várias cidades de Sergipe e da Bahia, Firmino fixou residência na capital sergipana e passou a vender seus cordéis no centro da cidade, nas imediações do mercado municipal, como fazia seu “pai” e mestre. Não foi um escritor de larga escala, como outros grandes poetas que chegaram a escrever milhares de folhetos, a exemplo de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), porém foi um amigo fiel da rima, da métrica e da oração que sempre estiveram rigidamente presentes em seus aproximados 60 títulos. Segundo o escritor e pesquisador Jackson da Silva Lima (1937-), em entrevista à TV Aperipê em 2013, João Firmino tinha uma característica excepcional na produção de seus versos: o poeta tinha a capacidade de direcionar o texto de cada título aos diferentes grupos que formavam seu público leitor. Para cada região, idade ou sexo, Firmino possuía os folhetos que mais interessavam e mais vendiam.

As vendas dos folhetos como ambulante foi a principal estratégia do poeta durante boa parte de sua carreira, porém em 2006, a Fundação Cultural Cidade de Aracaju (FUNCAJU), através da Prefeitura da cidade, em reconhecimento ao trabalho de Firmino, fixou o ponto de venda de cordel do poeta no Mercado Municipal Antônio Franco, o “Box do Cordel”, que funciona até os dias atuais sob os cuidados do herdeiro Joelson Cabral.

João Firmino se consagrou cordelista e sempre viveu do cordel. Em suas atividades diárias se preocupava na escrita de novos folhetos, na venda de seus livretos como, também, de outros poetas e na edição e revisão do trabalho de vários cordelistas. Como incentivador da educação, da cultura e da arte dos versos, proferiu várias palestras em muitas escolas e universidades:

Ele era convidado  
E ia sempre palestrar  
Falando pra juventude  
O quanto é bom estudar  
Mostrava pra criançada  
O seu jeito de rimar

[...]

Ia sempre às faculdades

Falar para os discentes  
 Já falou na Federal  
 Deixando todos contentes  
 E foi bastante aplaudido  
 Ao falar na Tiradentes (DÓREA, 201-[?], p. 05).

Para o cordelista e repentista Galego da Viola (2016)<sup>6</sup>, João Firmino Cabral além de ser um grande cordelista era

Uma excelente pessoa, um excelente companheiro, um excelente colega, sentimental, sempre de bom humor, sempre fazendo a gente rir, sempre trazendo coisas pra gente até chorar com suas declamações. João, um sofredor, um poeta que andou com a mala de livro na cabeça, sofreu, mas também fez muita gente feliz.

De acordo com Sá (2004), João Firmino foi o primeiro cordelista sergipano a levar o nome do Estado para além de suas fronteiras. Foi vencedor em um concurso de cordelistas nordestinos promovido pela Universidade Federal de Pernambuco em 1974, no qual recebeu o prêmio das mãos do escritor Ariano Suassuna, secretário de Educação e Cultura de Pernambuco, na época.

Em 2003, mais uma vez a prefeitura de Aracaju reconheceu a importância do trabalho e a dedicação de João Firmino com a cultura local, prestando-lhe homenagens com a medalha de Honra ao Mérito Ignácio Barbosa. Neste mesmo ano, o poeta foi mais uma vez homenageado. A primeira cordelteca do Brasil, instalada na Biblioteca Pública Clodomir Silva, foi batizada com seu nome, como forma de reconhecimento aos anos que dedicou ao cordel, mantendo-o vivo, através da divulgação e da constante produção literária. No citado espaço é possível encontrar o acervo e a biografia com foto dos poetas populares sergipanos e dos radicados no estado.

Em 2008, João Firmino Cabral recebeu uma das maiores condecorações que um cordelista pode receber, foi eleito membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupando a cadeira de número 36, patronímica do poeta Expedito Sebastião da Silva.

Em entrevista à TV Apreipê no ano de 2013, o professor João Emanuel Santos, coordenador, na época, da Casa da Cultura Afrosergipana, afirmou que o amigo João Firmino Cabral foi mestre da maioria dos outros cordelistas que escrevem cordel em Sergipe. Em

---

<sup>6</sup> MARCIEL, Edézio da Silva. Entrevista concedida ao autor em 20 de agosto de 2016.

entrevistas particulares concedias pelos poetas Damião Ramos<sup>7</sup> e Ronaldo Dórea<sup>8</sup>, pudemos ouvir a mesma opinião.

Segundo Joelson Cabral<sup>9</sup>, filho do poeta João Firmino Cabral, já no final de sua vida, seu pai desejava apenas uma coisa: que ele desse continuidade ao seu trabalho nas vendas dos folhetos de cordel. Os dois trabalharam juntos nos últimos anos de vida do poeta, até que, no dia 1º de fevereiro de 2013, o vate<sup>10</sup> foi vencido na luta que travava contra um câncer no sangue. A leucemia levou João Firmino, mas sua memória permanece viva na poesia popular sergipana e brasileira.

Dia 2<sup>11</sup> de fevereiro  
quando a tarde esmaecia  
João Batista de Melo  
por telefone dizia  
que a cadeira do imortal  
João Firmino Cabral  
já se encontrava vazia

João Firmino levitou  
mangando da gravidade  
quando chegou ao PARNASO (sic)  
nas asas da liberdade  
já estava com Leandro  
José Camelo e Nicandro  
completamente à vontade (SILVA, 2013, p. 03).<sup>12</sup>

Seis meses após sua morte, João Firmino Cabral foi homenageado no 3º Encontro de Literatura de Cordel organizado na Biblioteca Pública Epifânio Dórea. Vários colegas de profissão também escreveram em versos as devidas homenagens ao poeta.

Em 2014, a câmara de vereadores de Aracaju aprovou um projeto de lei que estabelece o dia 19 de julho como Dia Municipal da Literatura de Cordel. O Projeto de Lei 51/2014, de autoria do vereador Iran Barbosa (PT), foi mais uma homenagem à figura

<sup>7</sup> SANTOS, Damião Ramos dos. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

<sup>8</sup> DANTAS, Ronaldo Dórea. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

<sup>9</sup> CABRAL, Joelson Santana. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

<sup>10</sup> Mesmo que poeta, versejador.

<sup>11</sup> Os depoimentos concedidos por Joelson Cabral, filho de João Firmino, e pelos poetas Ronaldo Dórea e Damião Ramos, afirmam que a data de falecimento do poeta foi o dia 1º de fevereiro de 2013 e não dia 02, como versa o poeta Gonçalves Ferreira.

<sup>12</sup> Os versos acima citados são de autoria do poeta Gonçalves Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, porém foram extraídos do folheto “*João Firmino Cabral: uma homenagem (in memoriam)*” que contém estrofes de vários poetas homenageando João Firmino, no qual foram compilados e organizados no livreto pelo poeta João Batista Melo, um mês após a morte de Cabral.



representativa de João Firmino Cabral. O dia 19 de julho foi escolhido por ser a data da posse do poeta na Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Segundo Sá (2004), as obras de João Firmino Cabral não ficaram restritas ao nosso Estado, muito menos ao Brasil, pois estas podem ser encontradas em países como Portugal e França, nas universidades de Nova Lisboa e na de Versailles. Segundo a autora, o poeta é conhecido internacionalmente como um dos maiores cordelistas do Brasil.

## **A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE POPULAR NOS CORDÉIS DE JOÃO FIRMINO**

A literatura de folhetos, desde seus primórdios até os dias atuais, mantém uma característica bastante acentuada: sua extrema diversidade temática. Para os poetas populares, tudo ou quase tudo serve como motivo ou inspiração para a escrita de seus folhetos. Os temas variam desde aqueles que nos vieram da Idade Média, como “Carlos Magno e os Doze Pares de França”, a “Donzela Teodora”, a “Princesa Magalona”, a “Imperatriz Porcina”, através do romanceiro ibérico, no qual, segundo Cascudo (2005, p. 26), “o sertão recebeu e adaptou ao seu espírito”; até àqueles que nos remontam aos assuntos históricos brasileiros, aos fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre, desastres, crimes, acontecimentos da atualidade, etc.

Com essa rica variedade temática, algumas tentativas de classificação já foram empreendidas por seus pesquisadores. Segundo Lopes (1983), eruditos como Leonardo Motta, M. Cavalcanti, Orígenes Lessa, Ariano Suassuna e Diégues Júnior, foram estudiosos que se preocuparam com esta questão, porém sempre mantiveram a postura de pesquisadores de “gabinete”. Em contrapartida, Liêdo Maranhão de Souza (1976), em “*Classificação Popular da Literatura de Cordel*” foi o único que teve a ideia de pesquisar o assunto em sua fonte. Viveu e conviveu com os poetas de bancada e levantou o conjunto de opiniões do próprio pessoal que tem o folheto como meio de vida e como preocupação fundamental.

Segundo Souza (1976), a *Classificação Popular* divide as publicações impressas em versos em duas categorias: os folhetos e os romances. Esta especificação obedece aos números de páginas que cada um possui, portanto reserva-se a denominação de *folheto* para os trabalhos de 8 e 16 páginas, sendo os de 24, 32, 48 e 64 páginas os *romances*. De acordo com sua pesquisa, os folhetos são divididos em 23 grupos: *Conselhos, Eras, Santidade, Corrupção,*

*Cachorrada ou Descaração, Profecias, Gracejos, Acontecidos, Carestia, Exemplos, Fenômenos, Discussão, Pelejas, Bravuras ou Valentias, ABC, Padre Cícero, Frei Damião, Lampião, Antonio Silvino, Getúlio, Política, Safadeza ou Putaria e Propaganda.* Já os romances, apenas em 4: *Amor, Sofrimento, Luta e Príncipes, Fadas e Reinos Encantados.*

Se seguirmos a classificação de Souza (1976), ou de qualquer outro estudioso, os impressos que versam sobre temas ligados à religiosidade popular perpassam por diversos ciclos temáticos: eras, santidade, profecias, exemplos, fenômenos, ABC, Padre Cícero, Frei Damião, históricos, religiosos e de moralidade, etc., porém esta preocupação não nos interessa. A pretensão deste trabalho foi de observar e analisar a presença de temas que nos remetem à religiosidade popular presentes nos folhetos do cordelista João Firmino Cabral.

Para refletir sobre essa questão, elegemos um *corpus* composto por três folhetos de cordel escritos pelo poeta: *As Últimas Palavras do Padre Cícero Romão Batista* (1957), *O Aparecimento do Padre Cícero a uma Menina Profetizando os Sinais do Fim do Mundo* (1975?) e *A Profecia do Jumento que Falou no Nordeste* (1998), enredados em episódios que nos direciona, principalmente, às profecias que anunciam o “fim do mundo”.

De acordo com Brito (2012), muitos poetas dedicaram suas obras e direcionaram seus versos a valores religiosos com “[...] *incontáveis versões e visões do paraíso e do juízo final, de condenações e punições, de insinuações e tentações diabólicas, de Canudos e Antônio Conselheiro, beatos e rezadeiras que ainda permanecem, freqüentemente (sic), recriadas em muitos recantos do país, nesse início do século XXI [...]*”.

Essa característica presente na maioria dos poetas não deixou de se manifestar nas produções de João Firmino Cabral. Seu primeiro trabalho, *As Últimas Palavras do Padre Cícero Romão Batista*, composto por 32 estrofes em septilhas, com esquema de rimas ABCBDDDB, escrito em 1957, quando o poeta tinha apenas 17 anos, versou exatamente sobre esta temática. O folheto narra as últimas palavras do Padre Cícero Romão Batista que foram deixadas numa carta:

Quem for católico romano  
Deve prestar atenção  
As últimas palavras santas  
Do Padre Cícero Romão  
No mesmo assunto tem  
Uma cartinha também  
Escrita por sua mão (CABRAL, 1957, p. 01).

O conteúdo da carta deixada pelo Padre Cícero, narrada pelos versos de João Firmino, prevê e anuncia o “fim do mundo” como também as agonias e tormentos que sofrerão a humanidade entre as décadas de 1960 e 1980:

-A crise vai arrojando  
Desde o ano de Sessenta  
A carestia aumentando  
Até completar Setenta  
Sem haver uma melhora  
E quando a coisa piora  
É de Setenta a Oitenta

[...]

-O ano de OITENTA E DOIS  
Traz um martírio profundo  
Sofre rico sofre pobre  
Sofre sábio e vagabundo  
A crise é de derreter  
Aí começa se ver  
Os sinais do fim do mundo (CABRAL, 1957, p. 03 e 07).

No folheto *O Aparecimento do Padre Cícero a uma Menina Profetizando os Sinais do Fim do Mundo*, escrito por volta da década de 1970<sup>13</sup>, composto por 40 estrofes em sextilhas, com esquema de rimas ABCBDB, João Firmino mais uma vez versa sobre a figura do Padre Cícero Romão. Nesta narrativa, o padre apresenta-se a uma garota de forma “milagrosa” e lhe presenteia com uma oração e uma carta:

Mais um aparecimento  
Aconteceu no sertão  
Uma criança católica  
Teve uma santa visão  
Falou com o venerado  
Padrinho Cícero Romão (CABRAL, [1975?], p. 01).

A carta no qual o padre presenteia a garota, mais uma vez, anuncia e narra o “fim do mundo” além de denunciar os atos envoltos de pecados praticados pela humanidade, segundo a visão popular:

---

<sup>13</sup> Não sabemos a data exata em que o folheto foi escrito. A partir da leitura do texto podemos deduzir que sua produção se deu antes de 1976.

Daqui para o fim da era  
 Só se verá tempo ruim  
 Também este vosso mundo  
 Muito breve terá fim  
 Porque esta humanidade  
 Não se lembra mais de mim

Todo pessoal moderno  
 So (sic) abraça a vaidade  
 Procurando a corrupção (sic)  
 O vício, a perversidade  
 O escândalo o dismantelo  
 A traição e a maldade (CABRAL, [1975?], p. 04).

O contexto de Guerra Fria e a luta anti-comunista propagada pela ditadura militar então vigente no Brasil daquela época, também influenciaram a narração e escrita do folheto. Nele, um falso profeta, à mando de Satanás, aparecerá causando catástrofes pregando o comunismo:

Chegando setenta e sete  
 Será grande o cataclismo  
 Virá um falso profeta  
 Pregando a lei do cinismo  
 Querendo envolver o povo  
 Nas malhas do comunismo

Cuidado com esse profeta  
 Que nada bom êle (sic) traz  
 Pois virá buscar os filhos  
 Que não obedecem os pais  
 Só pode ser um ministro  
 Da côrte (sic) de Satanás (CABRAL, [1975?], p. 06).

*A Profecia do Jumento que Falou no Nordeste*, escrito em 1998, contém 32 estrofes em septilhas, com esquemas de versos ABCBDDDB, e versam sobre a história de um jumento que, prestes a ser abatido por seu dono, começa a falar clamando por compaixão, denunciando as mazelas carregadas de pecado da população e seus devidos castigos antes do “fim do mundo”:

Ouvindo a voz do jumento  
 alguém disse: Ave Maria  
 bicho fala como gente

é coisa que não se via  
o animal tristemente  
olhando pra toda gente  
por esta foram dizia

[...]

O jumento disse: Breve  
a coisa vai piorar  
careais aumenta o preço  
todo mundo vai penar  
o sofrimento é profundo  
nos quatro cantos do mundo  
a fome vai dominar (CABRAL, 1998, p. 02 e 04).

A figura do Padre Cícero e suas profecias não aparecem desta vez, embora esta lacuna seja preenchida pela figura do jumento que profetizou depois do consentimento de “Jesus”. O anúncio do “fim do mundo” aparece mais uma vez juntamente com a figura do demônio, que traz condenação, punição e desordem:

Antes de chegar dois mil [Ano 2000]  
quem anda toda pintada  
de chorte (sic), de mine-blusa  
de Deus está despresada  
o satanás não enjeita  
faz uma boa colheita  
com a moça desmantelada (CABRAL, 1998, p. 06).

Aparecem também os principais alvos escatologia: “*Moça errada, escandalosa* [...], *O filho mau para os pais* [...], *Moça que raspa o suvaco* [...], *Quem rouba peso e medida* [...], *Quem é caluniador* [...], *Quem fala da vida alheia* (CABRAL, 1998, p. 06 e 07).

Conforme Brito (2012), a impressão desses elementos nos folhetos de cordéis são facilmente encontradas devido o tempo em que foram negligenciadas, silenciadas e afastada da produção historiográfica. O poeta popular encontra no folheto sua forma de veiculação que é para o sertanejo “*o livro ‘sério’, seguro, conceituoso e verídico*” (CASCUDO, 2005, p. 26).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel é uma poética tradicionalmente carregada de valores populares e religiosos. Nela são versadas as profecias sobre o fim do mundo, sobre o juízo final, sobre o paraíso, sobre condenações, punições, exemplos, insinuações, tentações, misticismo,

milénarismo, beatismo, rezadeiras, crendices e vários outros temas que trazem à tona a voz popular que por muito tempo permaneceu afônica perante a historiografia brasileira. Encontrar essas características nos folhetos de João Firmino Cabral não foi uma tarefa muito difícil, porém desafiadora, uma vez que se trata de um dos mais respeitados nomes da poesia popular sergipana e brasileira.

Destaca-se que esta não é uma pesquisa biográfica, mas antes, uma investigação sobre indícios referentes ao imaginário religioso popular nordestino encontrado em algumas obras do cordelista sergipano João Firmino. Para tanto, mergulhou-se no universo dos seus versos, bem como no rigor poético da sua métrica, ressaltando-se sua vinculação com o contexto nordestino, reiteradamente abordado entre seus temas preferidos; justificando-se, dessa forma, a relevância cultural da escolha da obra do referido cordelista como tema desta investigação.

João Firmino não foi um poeta famoso que tenha escrito milhares de folhetos e adquirido tipografias com intuito de difundir sua arte; muito pelo contrário, foi um cordelista que escreveu aproximadamente 60 livretos e que encantava e conquistava cada cliente que se aproximava de sua banca, cantando e declamando seus versos. Como prova de que nem sempre a quantidade deve ser um fator proeminente de análise. Assim sendo, o conteúdo denso de sua produção o elevou a um dos mais respeitados nomes do cordel, com obras conhecidas até na Europa.

Como qualquer outro poeta, Cabral versou sobre uma vastidão de temas que não foram alvos desta pesquisa, mas que ainda se encontram disponíveis para que outros investigadores possam empreender novas empreitadas. Dito isso, destaca-se que a religiosidade popular nordestina, presente em alguns de seus trabalhos, nos permitiu analisar somente uma parte de sua obra; indicando possíveis caminhos a serem trilhados diante do vasto universo temático dos versos de João Firmino; que, merecidamente deve ocupar um espaço de relevância temática dentre os trabalhos produzidos na historiografia sergipana; principalmente por conta da agudeza narrativa que se constitui através da perspicácia imagética desse poeta singular.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Átila Augusto Freitas de; SOBRINHO, José Alves. **Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**. 2 vols. João Pessoa: Editora Universitária, 1978-1990.

ÂNGELO, Assis. **A presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo**. São Paulo: IBRASA, 1996.

BARROS, José d'Assunção. **O Projeto de Pesquisa Histórica: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, Brasília: INL, 1978.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

DONATO, Hernany. Literatura popular sergipana “O exemplo da moça que dançou o lambadão no inferno”. **Revista Fórum Identidades**. Sergipe: vol. 6, nº 3, jul/dez, 2009, p. 163-176.

DÓREA, Ronaldo. **Homenagem ao poeta João Firmino Cabral**. Aracaju. 201-[?].

LOPES, José de Ribamar. **Literatura de Cordel: antologia**. 2ª ed. Fortaleza: BNB, 1983.

MELO, João Batista (Org.). **João Firmino Cabral: uma homenagem (in memoriam)**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=Cordel&PagFis=14432&Pesq=Hist%C3%B3ria%20da%20literatura%20de%20cordel>>. Acesso em 28 de julho de 2016.

MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. **“Cordel de Saia”: autora feminina no cordel contemporâneo**. 2016. 126p. Dissertação (mestrado em Letras). Sergipe: Universidade Federal de Sergipe.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcano dos Versos: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

MONTEIRO, Douglas Teixeira de. “Um confronto entre Canudos, Juazeiro e Contestado”. In: FAUSTO, B. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**, Tomo III – O Brasil Republicano, II Vol.: Sociedades e Instituições (1889-1930). São Paulo/ Rio de Janeiro: Difel, 1978.

QUINTELA, Vilma Mota. **Manoel D'Almeida Filho**. Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelDalmeida/ManuelDALmeidaFilho\\_siteCorde1\\_FCRB.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/ManuelDalmeida/ManuelDALmeidaFilho_siteCorde1_FCRB.pdf)>. Acesso em: 29 julho 2016.

RODRIGUES, Ítalo Elmo dos Santos. **As representações da história na literatura de cordel** (um cordelista chamado Zé Antônio). 2007. 101p. Monografia (Licenciatura em História) Sergipe: Universidade Federal de Sergipe.

SÁ, Elisângela Santos de. **O Fantástico e o Maravilhoso no cordel “O Monstro sem Alma” de João Firmino Cabral**. 2004. 36p. Monografia (Especialização em Língua, Linguística e Literatura). Paraíba: Faculdade de Educação de Patos, Patos.

SANTOS, José Agno dos. **Política em verso: dez cordéis sergipanos (1982-2006)**. 2011. Monografia (Graduação em História). Sergipe: Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Mariane Nascimento dos. **Política dos tubarões e sociedade da carestia: a redemocratização do Brasil nos folhetos de cordéis de Apolônio Alves dos Santos (1974-1992)**. 2016. 136p. Dissertação (Mestrado em História). Sergipe: Universidade Federal de Sergipe.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Classificação Popular da Literatura de Cordel** (em texto integral de 23 folhetos). Petrópolis: Vozes, 1976.

## FONTES LITERÁRIAS

CABRAL, João Firmino. **A profecia de um jumento que falou no nordeste**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=cordel&pasta=&pesq=A%20profecia%20de%20um%20jumento%20que%20falou%20no%20nordeste>>. Acesso em 28 de julho de 2016.

\_\_\_\_\_. **As últimas palavras do Padre Cícero Romão Batista**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=cordel&pasta=&pesq=A%20profecia%20de%20um%20jumento%20que%20falou%20no%20nordeste>>. Acesso em 28 de julho de 2016.

\_\_\_\_\_. **O aparecimento do Padre Cícero a uma menina, profetizando os sinais do fim do mundo**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=cordel&pasta=&pesq=A%20profecia%20de%20um%20jumento%20que%20falou%20no%20nordeste>>. Acesso em 28 de julho de 2016.

## ENTREVISTAS

CABRAL, Joelson Santana. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

DANTAS, Ronaldo Dórea. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

MARCIEL, Edézio da Silva. Entrevista concedida ao autor em 20 de agosto de 2016.

SANTOS, Damião Ramos dos. Entrevista concedida ao autor em 17 de setembro de 2016.

## VÍDEOS

FREITAS, Luciano José de. **Entrevista com João Firmino Cabral**. 2010. 1 post (10min 03s). Entrevistadora: Carmem Romão. Postado em: 2010 no You Tube de Luciano José



Freitas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M5fUNdFM7fA>>. Acesso em: 29 julho 2016.

Fundação Aperipê. **PLURAL (3ª temporada) - João Firmino Cabral**. 2013. 2 posts (12min 49s; 12min 45s). Apresentadora: Anne Samara. Postado em: 2013 no You Tube da Fundação Aperipê. Disponíveis em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9ggY5zWjwE>>; < <https://www.youtube.com/watch?v=wGeR763mA9w>>. Acesso em: 29 julho 2016.